
ARQUIVOS DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DA UNIPAR

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE PARANAENSE

EDITORIAL

Para onde vamos?

Com muita satisfação retorno a Edição da Revista Arquivos de Ciências da Saúde da Universidade Paranaense e, em primeira mão, saúdo e faço uma reverência especial ao Editor anterior Prof. André Jaques, pelo excelente serviço desenvolvido ao longo do tempo em que conduziu os trabalhos nesta Revista.

Mas, voltando ao título do editorial, “Para onde vamos?” Desde minhas primeiras aulas como professor universitário, comungo com os alunos a expressão adaptada do saudoso Claude Bernard, “Só quem sabe o que procura, entende o que encontra...”

A melhor resposta pode ser... Política!!! Sim, política!!! Mas, qual seria a conexão de política com produção acadêmica, uma vez que, quando se discute esse assunto não raro se arrolam acaloradamente argumentos prós e contras? E muitas vezes, ânimos se alteram e a discussão não conduz, efetivamente, a nada...

Política é, efetivamente, motivo de muito comentário, aberto ou velado. E o contexto atual da situação política que vive o Brasil reflete em todos os âmbitos, obviamente também a produção acadêmica não seria uma exceção. Não obstante, o ser humano tem no seu âmago um desejo natural pelo posicionamento político, muitos de um lado com uma sábia recomendação de evitar dissensões e conflitos e, de outro, muitos, com um desejo ardente de discutir política.

A verdadeira questão é – **de que** política estamos tratando? Nas palavras do escritor Francisco Cezar de Luca Pucci, quando se aborda política como um fato naturalmente humano somos levados a Aristóteles, pois para ele sendo o homem um ser eminentemente social, é naturalmente político, isto é, vinculado a *pólis* (a cidade, comunidade). Nesse sentido, não pode o homem deixar de ser político sem se tornar um ser socialmente alienado. Logo, este tipo de alienação seria a negação absoluta de toda possibilidade de construção da vida acadêmica, ou seja, da construção de uma sociedade culturalmente melhor.

As Universidades são condutoras da sociedade por meio de causas que são eminentemente sociais e, portanto, políticas.

Pergunto, qual acadêmico ou professor universitário não tem no seu âmago a busca de uma forma intensiva, extensiva e ostensiva para ordenar o caos existente na atual política brasileira?

Meus queridos leitores, evidentemente, é papel da Universidade discutir os temas educacionais, as questões que envolvem saúde pública, etc., mas, acima de tudo, formar cidadãos politizados para conduzir o país a uma nova forma de cultura e com garras de águia para combater a corrupção sistêmica que assola a nação.

Bom, voltando a Aristóteles, se somos seres essencialmente sociais e consequentemente políticos, todas nossas ações são necessariamente sociais e políticas. Ora, isso significa que, sempre que pretendemos não fazer política, a estamos fazendo... E da pior forma... Por omissão.

É dessa omissão que se fortalecem os maus governos, os corruptos, os mal intencionados, os exploradores, logo, precisamos discutir política sim, para que não a façamos por omissão, aquela omissão que perpetua tudo que queremos ver eliminado, que cala sobre tudo o que deve ser denunciado, que bajula o opressor e escarnece o oprimido.

Precisamos marcar claramente e com toda firmeza nossa posição ética e filosófica com relação a vida humana, seja, ela familiar, social ou política. É dessa clareza e firmeza que estão carecendo os brasileiros, nossas angústias derivam dessa falta.

A Universidade ensina que devemos começar as mudanças dentro de nós mesmos e isso afetará o meio em que vivemos. Uma verdade inquestionável, mas que precisa ser bem esclarecida. A minha, a sua, a nossa transformação só afetará o meio em que vivemos se ela se traduzir em uma firmeza de posição, em uma austeridade na defesa dos nossos valores, que influencie aqueles com quem nos relacionamos. Essa é a resistência passiva que pregava Gandhi e que venceu o império britânico na Índia.

A força da resistência é maior que a resistência da força. Esse precisa ser o sentido político que deve nortear a comunidade acadêmica.

Quando aceitamos que membros da comunidade acadêmica, sejam eles professores, alunos, etc., sejam desonestos, corruptos ou imorais, estamos sim fazendo política... Aquela da pior espécie.

Quando calamos em face das injustiças para não ofender aos poderosos ou para não magoar “a comunidade”, quando nos calamos com o mensalão, o petrolão, estamos sim fazendo política... Aquela da pior espécie.

Nós somos seres sociais e políticos. Só evoluiremos quando nos tornando homens melhores, na medida em que nos tornamos social e politicamente melhores.

Então, para onde vamos? Só quem sabe o que procura... Entende o que encontra... Cabe a nós e mais ninguém alterar isso. Politicamente...

Nelton Anderson Bespalez Corrêa
Editor

ARQUIVOS DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DA UNIPAR

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE PARANAENSE

EDITORIAL

Where are we heading to?

It is with great pleasure that I am back with the Issue of *Revista Arquivos de Ciências da Saúde* from Universidade Paranaense and, in first hand, I would like to thank former Editor Prof. André Jaques, for the excellent service provided throughout the time he managed the work in this Journal.

But returning to the editorial title, “Where are we heading to?”, since my very first classes as a university professor, I share with the students the expression adapted from late Claude Bernard, “Only those who know what they are looking for are able to understand what they find...”

The best answer can be... a political one!!! Yes, politics!!! But what would be the connection between politics and academic production, since once this subject is discussed, not rarely heated pro and against discussions take place. And many times, people get passionate and the discussion effectively results in nothing...

Politics is, in fact, the reason of many comments, either open or veiled. And the current political situation in Brazil is reflected in all scopes, and obviously, the academic production would not be an exception. Nonetheless, human beings have a natural desire for political positioning, many on one hand with a wise recommendation of avoiding discussions and conflicts and, on the other hand, many present a heated desire to discuss politics.

The real issue is – **of what** politics are we talking about? In the words of writer Francisco Cezar de Luca Pucci, when politics are approached as a naturally human fact, we are taken to Aristotle, since in his eyes, humans being an eminent social being, he is naturally political, that is, linked to the *polis* (city, community). In this sense, men cannot cease to be political without becoming a socially alienated being. Therefore, this type of alienation would be an absolute denial of all possibility of building an academic life, that is, of building a culturally better society.

Universities are the conductors of the society by means of causes that are eminently social and, therefore, political.

I ask you, which university student or professor does not seek an intensive, extensive an ostensive way of ordering the chaos existing in the current Brazilian politics?

My dear readers, it is evidently the role of the University to discuss educational matters, those involving public health, and others, but above all, of forming citizens with political awareness to lead the country to a new form of culture, with eagle claws to fight the systemic corruption that has taken over the country.

Going back to Aristotle, if we are essentially social beings, and thus, political ones, all our actions are necessarily social and political. Thus, this means that, whenever we pretend we are not making politics, we actually are... and in the worst possible way... by omission.

And from this omission the bad government is strengthened, together with ill-intentioned people, exploiters, and therefore, we need to discuss politics, in order to not do so by omission, that kind of omission that perpetuates everything we wish to eliminate, the one that denies everything that needs to be claimed, the one that Pampers the oppressor and mocks the oppressed.

We need to clearly mark our ethical and philosophical position with all our strength, whether it is a family, social or political one. And this sort of clarity and strength is what the Brazilians really lack, our anguishes derive from this lack.

University teaches us that we need to start these changes within ourselves and this will affect the media in which we live. An irrevocable truth, but one which needs to be clarified. Mine, yours, our transformation will only affect the media we live in if it is translated into a strengthening in position, an austerity in the defense of our values, which influences those with whom we are related. This is the passive resistance Gandhi asked for, which defeated the British empire in India.

The strength of resistance is greater than the resistance of strength. This needs to be the political sense that must guide the academic community.

When we accept that members of the academic community, whether they are professor, students, otherwise, be dishonest, corrupt or immoral, we are being political... that of the worst kind.

When we do nothing in face of injustices in order to not offend the powerful people or to not hurt “the community”, when we shut up about the “mensalão”, petrol scandal, we are indeed being political... The worst kind.

We are social and political beings. We only evolve when we become better humans, in the sense of becoming socially and politically better.

So, where are we going to? Only those who know what they are looking for... Understand what they find... It is up to us, and to nobody else, to change this. Politically...

Nelton Anderson Bsepalez Corrêa
Editor